

Cerimônia de Abertura de Paris 2024:

Entre acertos e desacertos, o saldo foi muito positivo e consagrou-se como uma das mais memoráveis de todos os tempos.

Por Andrea Nakane.

Passado o deslumbramento e impacto que o mundo sentiu com a abertura da **33a. edição dos Jogos Olímpicos, em Paris**, é interessante que os profissionais que trabalham com a **Comunicação e, sobretudo, Eventos**, possam analisar os principais pontos, considerados críticos, e que por isso mesmo, podem tornar-se um referencial para as próximas sedes (Estados Unidos e Austrália), que não terão escapatória, e irão precisar investir em cerimônias, tanto de início, quanto de encerramento do momento.

Um dos pontos mais disruptivos foi o fato, que pela primeira vez na história dos jogos modernos, a solenidade de abertura não foi em um local fechado, um estádio ou arena, mas, sim em um espaço aberto, repleto de símbolos arquitetônicos e históricos, do país-sede, ao longo de um dos seus principais rios, o Sena, que também serviu de passarela para o desfile das delegações participantes das olimpíadas, distribuídos em 85 barcos (dez embarcações de reserva e outras 15 dedicadas à organização) que percorreram cerca de seis quilômetros até chegar em frente do Trocadéro, onde ocorreram os elementos do protocolo exigido pelo Comitê Olímpico Internacional e os últimos shows.

Claro, que essa ação acabou por retirar em partes o protagonismo dos porta-bandeiras, que sempre são muito aclamados em sua passagem.

Só para recordar, até então, as solenidades seguiam nessa etapa o seguinte script: desfile de atletas, com os seus trajes, e geralmente um protagonista mais evidenciado por país a comandar a trupe, a pé, de bandeira nacional em riste e por isso, mesmo ganham mais notoriedade. Em Paris, apesar de terem esses papéis, estavam todos juntos e misturados com o grupo.

Os barcos, ainda, foram equipados com câmeras para permitir ao público que pudesse acompanhar na televisão ou online os atletas, de 206 nações, que navegaram em torno do Louvre, da Torre Eiffel, da Concórdia, de Invalides, do Grande Palais ou de Notre-Dame, com partida em Austerlitz e chegada ao Trocadéro. Um cenário cinematográfico, mas real.

Pela primeira vez também, **o público, pelo menos a sua maioria, não precisou desembolsar nenhum dinheiro para participar presencialmente dessa festividade**, afinal, a entrada foi gratuita para a maioria dos espectadores, que puderam assistir ao evento das 124 arquibancadas instaladas nas margens do Sena ou das pontes do percurso.

Porém, para àqueles que quisessem **uma experiência diferenciada**, foi disponibilizado ingressos à venda para acessar o cais inferior, da ponte Austerlitz à ponte Léna. Os preços variaram entre 1.600 euros (aproximadamente R\$ 9,7 mil) e 2.700 euros (R\$ 16,5 mil).

Oitenta telões e alto-falantes foram estrategicamente posicionados permitindo que o público pudesse aproveitar a atmosfera mágica deste espetáculo, porém foi notório que todo o roteiro artístico e cenográfico da cerimônia privilegiou a experiência pelo streaming, quem por lá estava realmente não se arrepiou tanto, até porque não conseguiu acompanhar uma sequência mais lógica e integrada do *storytelling* desenhado pelo cerimonialista e diretor criativo Thomas Jolly.

Os números de pessoas que assistiram a abertura impressionam, demonstrando a grandiosidade desse evento.

Somente, na França, 22 milhões de pessoas assistiram o evento pela televisão. e cerca de 1 bilhão de pessoas ao redor do mundo acompanharam essa festividade.

Às margens do rio parisiense, mais de 300.000 pessoas enfrentaram a chuva incessante para prestigiar a solenidade.

Sem um público concentrado, faltou vibração e reverberação local, e em diversos períodos, isso ficou ainda mais evidente, pelo fato de haver cenas dentro de locações que só se viam pela TV, assim como cenas só nos telões.

A exaltação à cultura francesa, suas particularidades, suas histórias e personagens foram elementos protagonistas da cerimônia, referenciando suas invenções e seus comportamentos de moda. A cerimônia seguiu um roteiro dividido em 12 partes, cada uma representada por uma palavra que simbolizava ou o espírito olímpico, ou a alma francesa. Para isso foram agrupados cerca 3.000 artistas, incluindo músicos e 400 dançarinos nas pontes,

Todas as cenas tinham como seu condutor, um mascarado, responsável por salvaguardar a chama olímpica e o próprio espetáculo, que ganhou ares de contos de pura fantasia, a partir do momento em que seu barco passou por baixo da Ponte de Austerlitz, acionando um jogo de fumaças vermelha, azul e branca, cores da bandeira da França e que gerou um lindo cenário de boas-vindas ao território francês.

O desfile das delegações manteve a tradição de precedência, com a Grécia, berço do olimpismo da idade antiga, seguido pelo grupo que competem como refugiados e a partir desse momento com a ordem alfabética dos países, sendo finalizado pelos anfitriões atuais e dos jogos de 2028, os Estados Unidos.

Muitas referências culturais promoveram uma ode à comunidade francesa. Teve homenagem ao cinema, uma invenção dos irmãos Lumière, com registros do filme “Viagem à Lua” - um marco da ficção científica e é uma produção francesa de 1902.

“O Pequeno Príncipe” um clássico amado da literatura infanto-juvenil, do francês Antoine de Saint-Exupéry também foi lembrado, assim como os populares Minions, que deixou muita gente curiosa, pois não sabiam de sua relação com o país, pois foram criações francesas em especial a do ilustrador Éric Guillon.

A pira olímpica foi representada por uma das mais significativas criações francesas: um balão, que durante o megaevento, sobe e desce diariamente.

Mas, o que gerou a maior polêmica mesmo foi a interpretação errônea de uma obra que retrataria a Santa Ceia e que não era, até porque essa referência é de um pintor italiano, país vizinho, mas não francês. A "Última Ceia" é a famosa pintura de Leonardo da Vinci, que mostra Jesus Cristo com seus 12 apóstolos em sua última ceia, onde ele anunciou que um dos apóstolos o trairia.

A pintura que foi referência em um esquete da abertura foi baseada na Festa dos Deuses de Jan Harmensz van Biljert, pintada por volta de 1635 e preservada no Museu Magnin em Dijon. Nesse contexto, os deuses do Olimpo celebram o casamento de Tétis e Peleu; no centro da mesa, não é Cristo, mas coroado Apolo. Baco-Dionysos em primeiro plano.

E foi isso que foi retratado em uma cena intitulada "Festa" que se iniciou com a imagem de um grupo ao redor de uma mesa, incluindo inúmeras drag queens, o que fez algumas comunidades, especialmente a dos religiosos, entenderem como uma zombaria da "Santa Ceia".

Mas não foi. O fato em si acabou gerando discussões bem acaloradas nas redes sociais e até mesmo fomentando ameaças aos participantes, como exemplo da DJ Barbara Butch, protagonista central dessa cena com drag queens, que chegou a apresentar queixa na polícia francesa por ameaças de morte e insultos públicos.

Outro artista, o cantor e ator francês Philippe Katerine que interpretou Baco-Dionísio, seminu e pintado de azul, na mesa de banquete acabou polemizando ainda mais a situação, pois deixou parte de sua genitália visível, o que ampliou as críticas.

Pedidos de desculpas, esclarecimentos contínuos acabaram demandando esforços adicionais nos dias seguintes, inclusive com o próprio cerimonialista e diretor criativo sendo o locutor esclarecedor de toda a situação.

"Você nunca encontrará em meu trabalho qualquer desejo de zombar ou difamar. Eu queria uma cerimônia que unisse as pessoas, que as reconciliasse, mas também uma cerimônia que afirmasse os valores franceses."

Ele também defendeu que acreditou que suas intenções estavam nítidas. "Dionísio aparece nessa mesa. Ele está presente porque é o deus da festa, do vinho, e pai de Sequana, deusa relacionada ao rio Sena."

A imprensa recebe um roteiro para fundamentar sua transmissão e nesse caso faltou mais detalhamento no release enviado e que poderia se quer ter levantado esse questionamento.

Percebeu-se também que o despreparo das equipes de apresentadores das cerimônias acabou por difundir informações incorretas. E isso tudo demonstrou o quanto boa parte das pessoas precisa estudar mais história da arte e ampliar sua bagagem cultural, inclusive os colegas, jornalistas.

E fica uma outra reflexão, se julgar que algo, seja similar a uma determinada simbologia ou história, não vale a pena insistir, uma boa gestão de crise, começa em sua própria prevenção.

E no caso, muitas inspirações poderiam ser usadas frente a riqueza existente no país. Se a inspiração para tal quadro não era a Última Ceia, como o diretor explicou posteriormente, será mesmo que não passou em sua cabeça que ninguém veria “**Festivité**” como paródia de algo sagrado para bilhões de pessoas?

Poderiam não ter gerado toda o tititi, mas, há ainda pessoas que pensam que quanto mais buzz melhor, independentemente de sua conotação positiva ou negativa. Decisões, não são fáceis, mas devem ser tomadas com muita responsabilidade.

Tendo como base o histórico e mundialmente conhecido lema **Liberté, Égalité, Fraternité**, a cerimônia de abertura também buscou introduzir demandas atuais, como a inclusão, a diversidade e sustentabilidade, trazendo a pauta ESG para o evento.

Em todas as cenas, a diversidade e inclusão se fizeram presentes por meio da real integração de raças, credos, corpos, gêneros. Todos estavam lá, juntos e misturados, em uma festa de celebração.

O revezamento para acender a pira olímpica - aliás, sem combustão, mas sim **com LED e vaporizadores de água** - foi a mais pura demonstração desse quadro, chegando ao seu ápice de ter o judoca Teddy Rinner e a corredora Marie-José Percé, ambos negros, como responsáveis por esse solene momento, depois de receber a chama das mãos do ciclista Charles Coste, que aos 100 anos é o mais velho campeão Olímpico francês, ainda vivo.

Outra ocasião de muito impacto foi, ainda no início, quando a cantora francesa Axelle Saint-Cirel entoou **A Marselhesa**, hino da França, em tons operísticos. Vestida com uma túnica e segurando a bandeira, Axelle recordava uma **Marianne** - figura símbolo da Revolução – só que em nuances modernas.

De ópera a banda de heavy metal, a parte musical também foi eclética, incluindo Lady Gaga, que teve sua participação gravada, em decorrência da chuva, pois a apresentação era em uma escadaria e o retorno triunfal de Celine Dion, após um longo período afastada por motivos de doença.

A imagem da cantora canadense cantando a famosa canção, Hino do Amor, outrora interpretada pela lendária francesa Edith Piaf ganhou o mundo nos dias seguintes e foi por muitos considerada a mais emocionante de todo o evento.

As mulheres estavam presentes de forma contumaz, gerando um dos pontos altos do evento foi a aparição de estátuas de dez mulheres, feministas e ativistas. Em forma de esculturas monumentais em talha dourada, representando figuras femininas do mundo da literatura, do esporte, da política e das artes, emergiram de grandes pedestais instalados no Sena, junto à ponte Alexandre-III.

Olympe de Gouges, Alice Milliat, Gisèle Halimi, Simone de Beauvoir, Paulette Nardal, Jeanne Barret, Louise Michel, Christine de Pizan, Alice Guy e Simone Veil foram todas homenageadas num vibrante tributo à emancipação das mulheres.

É interessante saber que em Paris, onde a estatuária é majoritariamente masculina, tem atualmente apenas 40 estátuas de mulheres contra 260 figuras masculinas, segundo o Comité Organizador dos Jogos.

E por isso mesmo há conversações em curso, para que estas esculturas sejam instaladas permanentemente em espaços públicos. Tomara!

Outro destaque feminino foi para uma mulher que cavalgou um cavalo mecânico de metal sobre o Sena até subir, com um cavalo branco real uma ponte em frente à torre Eiffel.

A **cavaleira de prata**, com a bandeira olímpica aos ombros, desfilou sobre as águas do Sena, cativando o mundo inteiro. Sob um enorme capot estava **Morgane Suquart**, co-fundadora da MMProcess. Ela não só concebeu este corcel mecânico, como também o montou, mascarada, nesta aparição mundial.

A aventura começou em julho de 2023, quando a **MMProcess** assinou um acordo de confidencialidade para um projeto ultrassecreto. "Um dos colegas do meu sócio telefonou-nos a dizer que precisávamos de deslocar uma massa a 25 km/h. Descobrimos que era para os Jogos Olímpicos, para deslocar uma estátua no rio. Descobrimos que era para os Jogos Olímpicos, para deslocar uma estátua com cerca de 500 quilos através do Sena".

Foi necessário quase um ano de trabalho para criar este suntuoso cavalo mecânico. Morgane Suquart, que foi inicialmente incumbida apenas da concepção, não estava à espera de o montar. Sem nenhum cavaleiro disponível, foi Morgane Suquart quem finalmente tomou as rédeas do corcel metálico.

Ela representou Sequana, a deusa do Rio Sena, e levava como capa uma réplica da bandeira com os aros olímpicos, que posteriormente foi hasteada de cabeça para baixo, numa gafe histórica que fez os comentários do evento explodirem.

Foi possível acompanhar o momento do hasteamento da bandeira olímpica hasteada ao contrário, ou seja, de cabeça para baixo, durante a execução do hino olímpico.

A bandeira olímpica possui um fundo branco e cinco anéis entrelaçados, que representam os cinco continentes habitados do mundo, unidos pelo espírito olímpico. Os anéis possuem as cores azul, amarelo, preto, verde e vermelho, **sendo que as cores azul, preto e vermelho ficam na parte de cima, enquanto amarelo e verde ficam embaixo**. Na cerimônia de abertura dos Jogos de Paris, os **anéis amarelo e verde ficaram no alto, significando que hastearam de forma errada**.

Pois é, foi uma falha de total desatenção, que virou meme e comentários que poderiam ter sido evitados, com maior cautela com todo o protocolo. Falta de profissionais não foi o problema.

Sabe aquela máxima, de que tudo que você fizer, de forma esplendorosa, será esquecido frente a um único erro? Pois é... foi o caso.

Mas outras **gafes similares** ainda ocorreriam...

Outra, dessa vez, diplomática gerou uma tensão absurda. Os locutores oficiais responsáveis pela narração do evento apresentaram a delegação da Coreia do Sul como República Democrática da Coreia, o nome oficial da rival Coreia do Norte.

O equívoco motivou fortes críticas e manifestações de diferentes autoridades sul-coreanas. O vice-ministro do esporte Jang Mi-ran solicitou uma reunião com Thomas Bach, presidente do COI (Comitê Olímpico Internacional) para discutir o ocorrido, enquanto o Ministério das Relações Exteriores da Coreia do Sul declarou que havia entrado em contato com a embaixada francesa em Seul.

Em sua conta no X, o COI se desculpou pelo ocorrido e classificou o erro como "profundamente lamentável". As duas nações seguem em conflito desde o início da década de 1950, quando se separaram em dois territórios após a Guerra da Coreia. Há relatos não oficiais que o chefe do COI, Thomas Bach, teria pedido desculpas por telefone diretamente ao presidente da Coreia do Sul, Yoon Suk-Yeol.

É... e depois, já nas competições, ocorreu outro fato delicado. Assim como a Coreia do Sul, o Sudão do Sul foi vítima de erro da organização dos Jogos. A gafe aconteceu na estreia do time masculino de basquete contra a seleção de Porto Rico. No momento de tocar os respectivos hinos, o hino do Sudão foi apresentado. O erro gerou vaias e um silêncio constrangedor até que o hino correto fosse tocado.

O Sudão do Sul conseguiu sua independência do Sudão somente em 2011, depois de anos de guerra civil. É a terceira vez que o Sudão do Sul participa de Jogos Olímpicos. Independente há apenas 19 anos, a nação é a mais nova do mundo e alcançou o feito após um referendo e lutas do Movimento de Libertação do Povo do Sul.

Mas, voltemos ao tema desse artigo, a etapa protocolar da cerimônia, contou, ainda, com discursos dos presidentes da organização de Paris 2024, Tony Estanguet, e do Comitê Olímpico Internacional, Thomas Bach, além da fala de abertura oficial dos Jogos pelo presidente da França, Emmanuel Macron. E no caso do primeiro, um pronunciamento mais conciso cairia bem.

Neste instante, algo também foi notado, dois membros da equipe da organização, mantiveram-se próximos as duas autoridades, com guarda-chuvas para os mandatários, porém ficaram sem nenhuma proteção, nem capa de chuva. Não foi bacana essa falta de cuidado com aqueles que estão trabalhando para o evento acontecer.

Já dava para imaginar que com tantas informações, tantos protocolos a serem seguidos e com a dimensão do número de atletas seria muito difícil realizar uma cerimônia mais enxuta, por isso o tempo estimado foi de três horas, só que com as adversidades climáticas, ela chegou a quatro horas, um tempo muito longo, para ficar em frente de qualquer tamanho de tela, fazendo com que muitas pessoas, em função do cansaço, desistissem antes de seu término.

O atraso da cerimônia acabou por eliminar a intenção de ser finalizada ao pôr do sol no oeste da cidade, reforçando a reputação de Paris como "**Cidade Luz**". Quando o fim se anunciou a noite já dominava o espaço.

E a sexta-feira, dia 26, começou com um caos em função de uma série de incêndios que, segundo o primeiro-ministro francês Gabriel Attal, foram "atos de sabotagem" realizados de forma "preparada e coordenada" e afetaram as linhas ferroviárias francesas no período matutino, afetando a locomoção de 800 mil pessoas.

Houve, ainda, a apreensão por causa de rumores sobre ameaças de bomba, o que levou à evacuação de alguns setores às margens do Sena, ao fechamento do espaço aéreo de Paris e a um reforço de segurança para o barco que levou a delegação de Israel. Em todo o **plano de segurança** da cerimônia foi contabilizado 45 mil policiais e milhares de soldados.

A pedido do governo francês - que estendeu a solicitação a outros 45 países -, a Polícia Federal do Brasil enviou 14 agentes para ajudar as forças de segurança do país europeu no esquema de segurança dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos. Os policiais federais brasileiros chegaram em solo francês no dia 15 de julho e ficam até 8 de setembro.

Os principais aeroportos ficaram fechados durante a cerimônia por razões de segurança e foram estabelecidos perímetros de restrições em torno dos locais, limitando estritamente a circulação de carros, incluindo táxis. Os bloqueios no centro da cidade se somam à implantação, ocorrida cinco dias antes do evento, de faixas específicas para uso olímpico, o que complica ainda mais o trânsito. Foram instaladas cerca de 40 mil barreiras em Paris.

Um sistema de câmeras de vigilância algorítmica, ativado por inteligência artificial, foi instalado nas ruas de Paris para detectar eventuais movimentos repentinos, objetos abandonados que possam indicar a presença de bombas e pessoas deitadas no chão, que possam estar escondidas ou preparando um ataque surpresa.

As câmeras estão conectadas a um centro de comando e à tecnologia de inteligência artificial que pode sinalizar infrações menores - quando alguém estaciona ilegalmente ou entra em um parque público após o expediente - bem como atividades potencialmente suspeitas, como alguém tentando acessar um prédio escolar

E **a chuva**, que não tinha sido convidada, mas anunciada pela agência governamental de meteorologia da França, Météo-France, apareceu bem na hora da cerimônia, e não foi pouca não, uma precipitação fortíssima atingiu a cidade, esfriando o ânimo do público e diminuindo o glamour de algumas atrações, como por exemplo, dos *skatistas* que não puderam fazer suas manobras radicais em pistas montadas no meio do rio.

Além disso, apesar da empolgação do público e de eventos que atraíram os olhos do mundo inteiro, a chuva acabou prejudicando a permanência do público até o final, obrigando também parte dos atletas a usarem capas de chuva, a outra parte desistiu e se retirou para a vila olímpica, para poupar a saúde e não correr o risco de pegar um resfriado. Tal ocorrência esvaziou o final da cerimônia.

O professor Wilson Gomes, da Universidade Federal da Bahia, relata em artigo jornalístico que "cerimônias de abertura de Jogos Olímpicos geralmente são avaliadas por suas qualidades estéticas e técnicas, bem como pela capacidade de emocionar as audiências, mostrar a cidade-sede e fazer com que todas as nações se sintam acolhidas."

O que foi presenciado em Paris 2024 foi exatamente isso, com um plus de ineditismo e, é claro, algumas situações que foram consideradas sacrilégios e gafes, que sem dúvida alguma poderiam ter sido evitadas, se analisadas e contidas com a devida cautela.

Não há evento perfeito, jamais... o que podemos e devemos seguir é a busca incessante por chegar mais próximo da perfeição, mesmo sabendo que isso é impossível, quem trabalha na área tem esse propósito e deve integrá-lo a sua conduta.

Vale ressaltar também, que o ciclo olímpico de Paris foi o menor da história. A preparação durou apenas três anos por causa do adiamento das Olimpíadas de Tóquio, que passou de 2020 para 2021, em função do risco sanitário provocado pela pandemia de Covid 19.

Em **termos orçamentários**, os Jogos Olímpicos de Paris investiram € 4,4 bilhões (R\$ 23,6 bilhões). Segundo o comitê organizador, 96% desse montante veio do setor privado e será completamente revertido para a realização das Olimpíadas. Os outros 4% virão da administração pública para organizar as Paraolimpíadas, de 28 de agosto a 8 de setembro. Cerca de € 1,2 bilhão do valor para realizar os Jogos são advindos do COI (Comitê Olímpico Internacional). A cifra inclui a venda dos direitos de transmissão na TV (€ 750 milhões) e empresas parceiras da entidade (€ 470 milhões). A venda de ingressos deve trazer € 1,1 bilhão aos cofres do comitê organizador do evento. Enquanto a soma de patrocínios deve chegar a € 1,3 bilhão.

O COI ainda colabora com algum valor... tem outras entidades... que só ficam com o bônus, nem abrem a mão para cooperar...

O investimento deve dar retorno –e muito. Paris espera arrecadar até € 10,7 bilhões (R\$ 57,8 bilhões) e criar mais de 250 mil empregos com as Olimpíadas na Ile-de-France, região que engloba a capital. Sem nenhuma margem de erro, um excelente Retorno sobre o Investimento.

O mais importante é que ao final, o recado foi dado, os jogos olímpicos começaram e sua edição já está nos anais da história, mexeu com o imaginário da população mundial e conquistou méritos.

Agora, vamos rumo a **cerimônia de encerramento**, mas dessa vez, em um local fechado, no Stade de France, em Saint-Dennis, em 11 de agosto de 2024.

-

Att. A cerimônia de abertura foi tão fora do comum, que todos os membros de Tonga estavam vestidos. O atleta de taekwondo Pita Taufatofua, conhecido como "besuntado de Tonga", não se classificou. Senti falta dele!!!
